

O ensino da estrutura linguística de definições no contexto do Ensino Técnico Profissional: narrativas de possíveis caminhos.

Rodrigo da Silva Lima¹

1 Introdução

O domínio de termos técnicos permite a transmissão de informação mais precisa, além de promover uma relação profissional de confiança, de credibilidade e de respeito. Os profissionais de uma determinada formação ou mesmo as pessoas com as quais estabelecem relações profissionais podem associar a competência profissional de um indivíduo a partir da percepção da formalidade e do vocabulário empregado em um texto do cotidiano profissional, seja esse texto um diálogo, seja um relatório técnico que circula especificamente em uma área profissional. Um dos primeiros contatos com esses termos técnicos, além do próprio mercado de trabalho, é dentro do curso de formação profissional em que esse aluno está matriculado.

As experiências desta narrativa de ensino em explicar o ensino da estrutura linguística de definições nascem de duas demandas; a primeira parte de alguns professores que lecionam as disciplinas da área técnica. Muitas vezes, esses professores comentam que os alunos precisam interpretar melhor os textos e prestar mais atenção nas aulas, pois não entendem e, conseqüentemente, não interpretam adequadamente o texto e as explicações. Com quase dez anos de experiências com formações técnicas de nível médio em áreas como Edificações, Design de Interiores, Modelagem do Vestuário, Nutrição, Marketing, Administração, Mecânica, Mecatrônica, Informática, Comunicação Visual, Logística e Segurança do Trabalho, sempre, todo semestre, é comum para esse pesquisador ouvir dos alunos frases que revelam dificuldades em entender os termos técnicos. Falas como: “professor, há palavras difíceis”, “professor, tem palavra que nunca vi e mesmo pesquisando não entendi nada”, “ah, professor, parece grego!” “Professor, tem até palavras em inglês no meio, só sei o verbo *to be*” e a clássica: “professor, tem muito termo técnico, não dá para entender! Tem palavra da área que a gente não viu, nem o professor explicou ainda, só

¹ Professor no Centro Paula Souza – Etec Carlos de Campos e Jorge Street. Especialista em Revisão e Tradução de Textos pela Universidade Gama Filho.

falou”. A intenção de desenhar esse cenário de demanda é justificar que, sim, é necessário que os professores das disciplinas de formação técnica expliquem e definam os principais termos de sua disciplina a fim de torná-los claro para que os alunos possam dominá-los e aplicá-los dentro da disciplina e no mercado de trabalho ao atuarem como profissionais.

A segunda demanda é documental. No Plano dos Curso de Nutrição e Dietética² e Edificações³ as disciplinas orientam o pesquisador e os professores a trabalhar com lista de vocabulário técnico, o que exige do professor regente da disciplina orientação e ensino de como os alunos devem montar um Glossário Técnico. Este glossário tem o propósito de explicar os termos da área técnica por meio de palavras sinônimas e que tenham por objetivo falar e/ou escrever o que é, em essência, e para que serve aquele termo, ou seja, realizar definições sobre os termos técnico escolhidos.

Para Garcia (2010), “Há vários modos de enriquecer o vocabulário; o mais eficaz, entretanto, é aquele que se baseia na experiência, isto é, numa situação real como a conversa, a leitura ou a redação” (GARCIA, 2010, p. 255). À vista disso, esta narrativa de ensino tem a intenção de ser uma contribuição sobre como ensinar definições de termos técnicos para ampliar a possibilidade de compreender as palavras que circulam no contexto profissional de uma determinada área de formação. Para isso, pensou-se em explicar dois caminhos possíveis de como um professor formado em Letras e/ou outras áreas que lecionam **especificamente** alguma disciplina da área técnica podem contribuir com os alunos na aquisição de vocabulário a partir do ensino da estrutura linguística de *definição* em língua portuguesa diante da necessidade dos alunos no contexto da Educação Profissional Tecnológica (daqui por diante EPT) a ingressarem no mercado de trabalho com uma linguagem apropriada.

² No plano de curso de Nutrição e Dietética, por exemplo, mais informações sobre essa demanda aparecem na página 12 nas Bases Tecnológicas das disciplinas que pedem definições de conceito e de listas de termos técnicos. Além do glossário solicitado pela disciplina de Linguagem, Trabalho e Tecnologia, ministrada por um professor, essencialmente, licenciado em Letras e Linguística. Há casos em que o regente possui formação em Secretariado ou Advocacia. Para mais informações, acesse: http://www.etecsaomateus.com.br/wp-content/uploads/2014/04/MOD_NUTRI_2013.pdf

³ No plano de curso de Edificações a demanda por definições e glossário aparecem também nas Bases Tecnológicas das disciplinas que pedem definições de conceito e de listas de termos técnicos. Além do glossário solicitado pela disciplina de Linguagem, Trabalho e Tecnologia, ministrada pelo professor de língua materna. Para mais informações, acesse faça download do Plano de Curso de Edificações: <http://www.etecfernandoprestes.com.br/curso/15/edificacoes>

2 As experiências ao ensinar a ideia de Tópico Frasal: a importância da estrutura linguística de definição em língua portuguesa de termos técnicos

O estudo do *Tópico Frasal*, expressão usada por Garcia (2010), Squarisi e Curto (2012), Andrade e Medeiros (2009) ou *Tópicos de Parágrafo*, termo utilizado por Abreu (2008) em curso de produção de textos, é bastante recorrente no ensino de língua portuguesa em disciplinas aplicadas ao contexto da EPT.

Garcia (2010) explica que o tópico frasal pode ser desenvolvido por diversos estilos como *declaração inicial, alusão histórica, definição, divisão, pergunta, por omissão de dados*. De certa forma, como o livro *Comunicação em Prosa Moderna*, de Othon Moacyr Garcia, é um livro seminal, uma vez que sua primeira edição foi lançada em 1967, tornou-se referência para autores como Abreu (2008), Squarisi e Curto (2012) e Andrade e Medeiros (2009) para o uso da expressão *Tópico Frasal*.

Dentro do contexto da aula sobre o *Tópico Frasal*, eu percebia, nos primeiros anos da docência em escolas técnicas no Estado de São Paulo, certa dificuldade de explicar o *Tópico Frasal* quando é desenvolvido por definição. A primeira dificuldade em especial era criar definições com textos e palavras das áreas técnicas, uma vez que não possuía, no começo da carreira, muita familiaridade com os termos e expressões. A segunda dificuldade é que, apesar de ser uma obra de referência em língua portuguesa, *Comunicação em Prosa Moderna* possui uma explicação de estrutura de definição bastante acadêmica, formal e técnica, o que, muitas vezes, dificultava a disponibilização do material e a transposição da ideia para a sala de aula, principalmente com alunos que estavam longe da escola há mais de 20 anos. A terceira dificuldade é conseguir trabalhar de forma interdisciplinar, seja por dificuldades para encontros sobre o assunto, seja por orientações de quais termos o docente do ensino técnico poderia sugerir para serem aplicados, posto que, ao ensinar uma palavra de uma área profissional, o professor de língua materna precisaria ter domínio dos vocábulos a serem apresentados.

Não obstante, após várias aulas ao longo de 3 anos, entre 2007 a 2010, com trabalhos interdisciplinares e disciplinares, houve a possibilidade, no final de 2010, de trabalhar com outra forma de explicar o conceito de definição a partir do livro *Introdução ao léxico - brincando com as palavras*, de Rodolfo Ilari (2006). Recentemente, em 2014, a

partir da obra de Squarisi e Curto (2012), projetos interdisciplinares no Ensino Técnico Integrado ao Médio foram desenvolvidos com o texto de apoio do livro sobre definições. Neste trabalho, as autoras fazem uma releitura de Garcia (2010) com uma linguagem bem despojada e informal, bastante interessante para um público mais jovem.

Diante do cenário exposto acima, dos comentários discentes e docentes e dos trabalhos disciplinares e interdisciplinares realizados ao longo dos últimos anos, nessa narrativa de ensino serão apresentadas duas experiências metodológicas para duas turmas do ensino técnico de nível médio modular da área de Nutrição e Dietética e de Edificações. O principal objetivo é delinear caminhos possíveis para o ensino de definições em língua portuguesa a partir de descrição metodológica em que a primeira experiência para a produção de definições baseia-se em Garcia (2010) e a segunda na proposta baseia-se no trabalho de Ilari (2006).

3 O contexto para o ensino da estrutura linguísticas das definições de termos técnicos

A demanda por parte dos professores de disciplinas técnicas para que o professor de língua materna “melhore” a escrita dos alunos e os “ensine” a escrever é constante no universo das escolas técnicas do Estado de São Paulo. O professor, muitas vezes, é cobrado pela direção da escola e por coordenadores de curso em que atua para ensinar tudo aquilo que está em seu Plano de Trabalho Docente (Daqui por diante PTD)⁴, independentemente das adversidades como dias com feriados, atividades escolares, visitas técnicas, palestras entre outras propostas. Diante dessa situação, o professor precisa analisar todas as questões que envolvem a escola.

O Plano de Trabalho Docente projeta as aulas para o semestre. No Ensino Técnico Modular de Nível Médio, as aulas são realizadas em blocos, com aulas de 120 minutos. São nesses encontros semanais que os conteúdos são desenvolvidos. Há, no PTD dessas experiências, um encontro semanal destinado para explicar o conteúdo sobre *Tópico Frasal* que prepara o aluno para a aula da próxima semana sobre o conceito de *definição* com exemplos da área técnica. Dessa forma, durante a explicação das etapas, cada etapa

⁴ O **Plano de Trabalho Docente** nada mais é do que um documento que registra tudo o que o professor planeja lecionar dentro de um período de 6 meses ou aproximadamente 15 aulas, dentro da sala de aula. Mais informações: http://www.etcasantaisabel.com.br/etecsi/index.php?option=com_content&view=article&id=176&Itemid=77

corresponde a um bloco de aula de 120 minutos, ou seja, são necessárias duas semanas para a explicação do conteúdo para atender o PTD.

No entanto, nada impede de se trabalhar, isoladamente, o conteúdo que aborda a estrutura de como trabalhar as definições. Os exercícios de fixação são trabalhados no mesmo dia para que se possa verificar, razoavelmente, se há ou não muitas dificuldades na compreensão da teoria. Essa realidade é possível tendo em vista o tempo de aula: 120 minutos. As turmas começam com 40 alunos e, frequentemente, são entre 34 a 36 em sala após os primeiros meses devido às desistências, dispensas de disciplinas e transferências para outras escolas técnicas.

O cenário é laborioso, por isso se justifica a ideia dessa narrativa ao apresentar caminhos teóricos para produzir definições que podem ser feitas de forma disciplinar e interdisciplinar no contexto tecnológico seja por um professor de língua materna, seja por um professor de formação técnica.

3.1 Literatura sobre definição e caminhos percorridos: Othon Moacyr Garcia

O primeiro caminho que percorri foi por meio do livro do Othon Moacyr Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*. Essa obra, sem dúvida, é uma referência para quem deseja aprimorar a escrita. Por isso mesmo foi minha primeira referência de como trabalhar com definições e os outros tópicos frasais. Garcia (2010) explica em seu livro várias formas de como ampliar o vocabulário citando, por exemplo, a realização de resumos, paráfrases, traduções, além das próprias definições como

(...) g) busca ou escolha de impressões despertadas pela experiência de uma situação concreta, e procura das palavras adequadas à sua expressão; h) definições claras e sucintas que permitam a identificação do termo a que se referem; i) definições denotativas de determinados termos e sua conversão em conotativas ou metafóricas; (...). (GARCIA, 2010, p. 232).

Para Garcia (2010), o uso de dicionário é muito importante, por isso que nas minhas aulas quase sempre permito o uso de aplicativos com dicionários, uso da *internet*, *Google*, além dos dicionário físicos em língua portuguesa já conhecidos e os próprios glossários e livros da área do curso para qual eu estou lecionando, ou seja, eu concedo que os alunos consultem os termos dos exercícios, dado que um dos meus objetivos ao desempenhar o papel de professor é propiciar o hábito de consultar dicionários e fontes confiáveis de

informação, para que os alunos se tornem independentes nesse sentido. Garcia (2010) também aponta para a seguinte questão: “Em si mesmo, entretanto, o simples manuseio dos léxicos, dissociado de situações reais, nem sempre nos traz grande proveito, em que pese à opinião de muitos, que acreditam ser esse o único e o melhor meio de adquirir vocabulário” (GARCIA, 2010, p. 233). Garcia (2010) explica também que existem dicionário comuns, para o dia a dia, e os técnicos, especializados em determinado assunto. Os dicionários comuns podem ter o foco em definições e sinônimos. Dessa forma, o uso do dicionário pode esclarecer dúvidas e aprimorar o repertório do estudante.

Para adentrar ao foco da narrativa de maneira objetiva, uma das feições de como o *Tópico Frasal* se apresenta é por meio da *Definição*. Garcia (2010) explica que a definição é um método bastante adequado, pois pode ser usado preferencialmente como um método didático. Garcia (2010) nos dá um exemplo de definição: “*Estilo é a expressão literária de ideias ou sentimentos*” (GARCIA, 2010, p. 257, grifo do autor).

Garcia (2010) explica que a definição é uma ferramenta para a expressão que nós, como usuários da língua, utilizamos para dizer o que é, para que serve, o que queremos explicar, da essência sobre um procedimento, um objeto e/ou um ser. Garcia (2010) aprofunda o conceito e explica que na Semiologia há definições denotativas (buscando a essência e a interpretação literal do termo) e a metalinguísticas (com a intenção de explicar o próprio código, com ênfase em ideia sinônimas e exemplos para esclarecimento). Assim, o autor conclui que a

A definição é um dos mais eficazes e mais frequentes recursos da expressão de que nos servimos na exposição ou explanação de ideias. Nas ciências — sobretudo nas ciências exatas — dificilmente se pode dela prescindir. Não há, praticamente, uma só matéria — mesmo que seja geografia ou história, ciências essencialmente descritivas — em que o professor não se veja na contingência de definir algo. Definir é uma das contingências do cotidiano. É válido dizer que, *grosso modo*, toda nossa ânsia de saber, de conhecer — como todo nosso propósito de ensinar, de informar — se resolve, em última análise, em termos de definição. Viver é, em grande parte — ou é essencialmente — um indagar permanente, um perguntar a todo instante “que é isso?”, é uma constante busca de respostas que, traduzidas em definições, saciam nossa curiosidade, esclarecem nossas dúvidas, informam-nos ou levam-nos a conhecer. (GARCIA, 2010, p. 333, grifos do autor).

O caminho para a estrutura linguística de Garcia (2010), que ele chama de “formulação lógica para a estrutura verbal da definição”, é composta por quatro elementos:

a) termo (<i>definiendum</i>)	a coisa a ser definida;
---------------------------------	-------------------------

b) cópula	verbo ser (ou seu equivalente em estruturas menos rígidas, como, por exemplo, “consistir em”, “significar”);
c) gênero (genus)	a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo;
d) diferenças (<i>differentiae</i>)	tudo aquilo que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe.

Quadro 1 - Estrutura de definição. **Fonte:** Garcia (2010, p. 333)

Na sequência o autor explica φ em forma de fórmula: “ $T = G + d_1 + d_2 + \dots d_n$ ” que corresponde estrutura propriamente dita em que: T é igual a sujeito, o G é igual a predicativo e d é igual a algum adjunto do núcleo predicativo. Trago nessa narrativa o exemplo utilizado por mim em sala, exatamente como está no livro:

Frase	Retângulo é um quadrilátero de ângulos retos e lados iguais dois a dois
Sujeito	= termo (T): retângulo
Verbo de ligação	Verbo de ligação = cópula: é
Predicativo	Predicativo = gênero (G): um quadrilátero
Adjuntos	Diferenças: de ângulos retos (d_1), lados iguais (d_2), dois a dois (d_3).

Quadro 2 - Detalhes da fórmula da estrutura de definição
Fonte: Garcia (2010, p. 333-334).

Garcia (2010) finaliza a explicação com alguns requisitos que a definição deve ter para ser válida e exata, que serão transcritos aqui de forma resumida, pois, ao meu ver, na hora de ensinar, eles acabam sendo fundamentais para não confundir, por exemplo, o tópico frasal *declaração inicial* com *definição* e para alertar o professor das dúvidas e erros mais comuns, pois a prática docente confirma que todos os itens explanados por Garcia (2010) são dúvidas recorrentes nas aulas sobre como fazer definição. Seguem os requisitos:

- a) o termo deve realmente pertencer ao gênero (classe) em que vem incluído na definição: “mesa é um móvel” e não “uma ferramenta” ou “uma instalação” (ver item seguinte);
- b) o gênero deve ser suficientemente amplo para compreender a espécie definida, e suficientemente restrito para que as características individualizantes possam ser percebidas sem dificuldade nem confusão com outras espécies. (...)
- c) deve ter uma estrutura gramatical rígida tal, que o termo (sujeito) e o gênero (predicativo) pertençam à mesma classe de palavras. Em virtude desse requisito — que é tanta imposição da gramática quanto da lógica —, é inaceitável uma definição do tipo da seguinte, muito comum no estilo dos colegiais (só colegiais?): “Madrugar é quando a gente acorda muito cedo”, em que o gênero está expresso numa oração que não pode ser predicativa (“quando a gente acorda”) pois não equivale a um nome e, portanto, não pode pertencer à mesma classe do termo sujeito “madrugar” (...)
- d) deve ser obrigatoriamente afirmativa; não há, em verdade, definição, quando se diz que “triângulo não é prisma”;
- e) deve ser recíproca para não ser incompleta ou insatisfatória: “o homem é um ser vivo” não constitui definição suficiente porque a recíproca — “todo ser vivo é homem” — não é verdadeira (o gato é um ser vivo mas não é homem);
- f) deve ser breve (contida num só período, ou proposição predicativa). (...)
- g) deve ser expressa em linguagem mais simples, mais familiar ao leitor ou ouvinte. (...) (GARCIA, 2010, p. 334.).

Pelo conteúdo e linguagem, a proposta acima inspirada na explicação de Garcia (2010) é a mais técnica das três propostas.

3.2 Literatura sobre definição e caminhos percorridos: Squarisi e Curto

Outro caminho a ser percorrido é a proposta, em boa parte baseada em Garcia (2010), das autoras Squarisi e Curto (2012). Com uma linguagem mais informal, voltada para quem pretende escrever para concursos e vestibular, as autoras explicam, basicamente, o que é proposto por Garcia (2010).

Na lição 29 do livro *Redação para Concursos e Vestibulares passo a passo*, Squarisi e Curto (2012) comentam que as famosas perguntas das crianças “o que é isso?” nem sempre são respondidas adequadamente. No mercado de trabalho, “na vida profissional, a história não é tão fácil. Há momentos em que temos que definir. Precisamos de engenho, arte e, sobretudo, técnica para dizer o que é que queremos dar a entender quando empregamos uma palavra ou nos referimos a um objeto ou ser” (SQUARISI e CURTO, 2012, p. 101).

A proposta das autoras segue a linha de Garcia (2010):

- a. termo – o ser que será definido
- b. cópula – o verbo ser

c. gênero – a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo
d. diferenças – tudo o que diferencia o termo definido de outros da mesma classe

Examine os exemplos: *Homem é um animal racional.*

O termo é homem. A cópula é. O gênero, animal. A diferença, racional.

Substantivo é a classe de palavras que dá nome aos seres.

O termo é substantivo. A cópula é. O gênero, classe de palavras. A diferença, que dá nome aos seres.

Quadrado é um quadrilátero de ângulos retos e lados iguais.

O termo é quadrado. A cópula é. O gênero, quadrilátero. A diferença, de ângulos retos e lados iguais.

Falar é exprimir-se por meio de palavras.

O termo é falar. A cópula, é. O gênero, exprimir-se. A diferença, por meio de palavras.

(SQUARISI e CURTO, 2012, p. 102 *grifos das autoras*).

Squarisi e Curto (2012) ressaltam que a definição apresenta exigências que precisam ser respeitadas e elencam as seguintes orientações:

1. ser breve – formada de uma só frase.
2. ser expressa em linguagem simples, familiar ao leitor ou ouvinte.
3. ser afirmativa (dizer o que é, não o que não é). Não há definição quando se diz que “homem não é cachorro”.
4. ser recíproca para ser completa e satisfatória. O “homem é um ser vivo” não é definição porque nem todo ser vivo é homem. Peixe é ser vivo, mas não é homem.
5. O termo deve pertencer ao gênero. Homem é animal, não vegetal ou coisa. Quadrado é quadrilátero, não móvel ou ferramenta. Substantivo é classe de palavra, não carro ou dicionário.
6. O gênero tem requisitos. Deve ser suficientemente amplo para compreender a espécie definida e suficientemente restrito para que as características do termo definido sejam entendidas sem confusão de espécies. Dizer que homem é “ser vivo”? Ops! O gênero é pra lá de amplo porque inclui milhões de criaturas que nada têm a ver com o homem. Dizer que o homem é “animal que vive na cidade” é demasiadamente restrito, porque exclui outros homens.
7. A estrutura gramatical é rígida: o termo e o gênero têm de pertencer à mesma classe de palavras: homem (substantivo) é animal (substantivo). Falar (verbo) é exprimir-se (verbo). Quando a gurizada diz que chover é “quando chove”, “quando chove” não é verbo como chover. É oração. Não vale.
8. Não se pode usar no gênero o termo que se está definindo. Dizer que homem é homem, gato é gato, móvel é móvel ninguém discute. Mas não é definição. (SQUARISI e CURTO, 2012, p. 103).

Percebe-se, nitidamente, pela linguagem, que as autoras explicam para o público em geral, pois há um toque de humor nas explicações. Expressões populares e uma linguagem mais familiar e informal aproximam os textos do seu público-alvo. Para o Ensino Técnico Integrado ao Médio, esse texto, pela experiência com essa faixa etária e

modalidade de ensino, é o mais adequado, apesar de funcionar muito bem também a explicação de Ilari (2006).

3.3 Literatura sobre definição e caminhos percorridos: Rodolfo Ilari

O terceiro caminho que pode ser percorrido pelo professor de língua materna é o proposto por Ilari (2006). Este é o que eu mais utilizo atualmente e o motivo é simples: é mais fácil para os alunos entenderem as expressões utilizadas por esse autor. Ilari (2006) explica que sua intenção é mostrar como é possível formar definições corretas e claras apontando os principais tipos de erros para que sejam evitados durante a produção.

De forma direta, o autor afirma que, em geral, “ao definir uma palavra, identificamos a classe maior à qual pertencem os objetos que ela nomeia e, em seguida, apontamos as propriedades que distinguem esses objetos no interior dessa classe maior” (Ilari, 2006, p.55). Nesse caso, como pode ser visto na imagem a seguir, o autor chama de *classe menor* ou *subclasse da classe maior* o que Garcia (2010) chamaria de *adjuntos*. Os verbos mais utilizados além do ser, segundo Ilari (2006), são: significar, consistir e constituir.

[Monarquia] é [uma forma de governo] [em que o poder supremo é exercido por uma só pessoa]

palavra que se quer definir	expressão que delimita uma classe maior	expressão que recorta uma subclasse, dentro da classe maior.
-----------------------------	---	--

[Triângulo] é [um polígono] [de três lados].

Figura 1 - Esquema da estrutura de definição de monarquia e triângulo.

Fonte: Ilari (2006, p. 55).

Ilari (2006), assim como Squarisi e Curto (2012) e Garcia, também explicar o que é e o que não é uma boa definição. Ilari (2006) argumenta que se pode praticar a definição para ampliar o vocabulário diante de palavras desconhecidas, nobre motivo para área profissional; “para eliminar ambiguidades e tornar exatos os limites de aplicações de palavras, neste contexto, termos já conhecidos” (ILARI, 2006, p. 55). Por outro lado, o autor enumera problemas que não podem estar em uma definição como

Uma mera enumeração de exemplos: “Arranha-céus são, por exemplo, os edifícios tal tal” (se, por acaso, os dois edifícios ficam na rua principal da cidade, alguém poderia entender que todo prédio da rua principal da cidade é um arranha-céu).

Circular: “azul é a cor do que é azul” ou “Confiança é a qualidade de quem confia”.

Obscura – uma definição é obscura quando usa termos mais difíceis do que a palavra que pretende definir, possivelmente desconhecidos da pessoa a quem se destina etc. “Quimioterapia é uma forma de tratamento oncológico [...]” (possivelmente as pessoas que não sabem o que é quimioterapia, sabem menos ainda o que significa “oncológico”).

Demasiado ampla: “Sapato é uma coisa que se põe nos pés” (as meias também cobrem os pés). “Ônibus é um veículo motorizado que transporta passageiros” (essa definição serve também para táxi etc.)

Demasiado estreita: “Bonde é o veículo que circula no Parque Taquaral, em Campinas” (no mundo, existem outros bondes, além do que circula aos domingos na Lagoa do Taquaral em Campinas)

Figurada: “A arquitetura é música congelada”, “Uma árvore é um cabide de folhas”, “Um pente é um coçador de piolhos”

Negativa quando pode ser positiva: “Um divã não é uma cama nem uma cadeira” (a avó do presidente do Senado também não é uma cama nem uma cadeira) (ILARI, 2006, p. 56, grifo do autor).

Com a apresentação da literatura sobre definições, será apresentado um quadro com a terminologia dos autores e a terminologia utilizada pelo autor dessa narrativa em sala tendo em vista que um nome como “cópula”, utilizado por Squarisi e Curto (2012), apesar de bem explicado, geralmente, pelas repetidas experiências, torna-se uma barreira a compreensão da construção da definição.

Garcia (2010) e Squarisi e Curto (2012)	Ilari (2006)	Autor
a. termo	a. termo	a. termo
b. cópula	b. verbo de ligação	b. verbo de ligação
c. gênero	c. classe maior	c. categoria (ideia geral)
d. diferenças	d. classe menor	d. essências (ideias específicas)

Quadro 3 - Nomenclatura comparativa para o passo a passo de como ensinar a estrutura de definição em língua portuguesa.

Fonte: Autor.

As contribuições dos autores, na revisão de literatura proposta, pode promover ainda mais ideias sobre qual a melhor forma de construir e ensinar definições. Os caminhos aqui apresentados, espera-se, sejam alguns dos possíveis para aqueles que querem adentrar na seara de ensinar a estrutura da língua para promover aquisição de vocabulário técnico ou

mesmo aprimoramento linguístico.

3.4 A Metodologia de como ensinar a estrutura linguística de definição a partir de Garcia (2010) e Ilari (2006)

As propostas metodológicas aqui denominadas por *etapas* na experiência respondem a ideia de Fazenda (2003) sobre o conceito de Interdisciplinaridade, uma vez que a execução e o aprimoramento são consequências do comprometimento, do envolvimento e do engajamento dos colegas professores da área de formação técnica ao estar dispostos a trabalhar em conjunto tanto na primeira experiência no curso técnico modular de Nutrição e Dietética quanto na segunda, no curso técnico modular de Edificações.

A resolução de nº 6 de 20 de setembro de 2012 define as diretrizes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e o tema da Interdisciplinaridade aparece com a seguinte redação

VII - interdisciplinaridade assegurada no currículo e na prática pedagógica, visando à superação da fragmentação de conhecimentos e de segmentação da organização curricular;
VIII - contextualização, flexibilidade e interdisciplinaridade na utilização de estratégias educacionais favoráveis à compreensão de significados e à integração entre a teoria e a vivência da prática profissional, envolvendo as múltiplas dimensões do eixo tecnológico do curso e das ciências e tecnologias a ele vinculadas; (BRASIL, 2012, p. 17.)

Se para Tardif (2014) o bom professor é o que tem conhecimento da disciplina e da pedagogia, que sabe desenvolver o saber a partir do cotidiano dos alunos, é fundamental para o professor de língua materna dominar não só seu conteúdo de formação em Letras, mas contextualizar a aula, com exemplos das áreas profissionais em que atua, recorrendo, para maior credibilidade do trabalho bem como seu aprendizado, ao apoio de professores de outras disciplinas dispostos a perceber os ganhos que um projeto interdisciplinar proporciona para os envolvidos, tanto alunos quanto professores.

Apresentada as literaturas, serão descritas as experiências interdisciplinares a partir de duas grande etapas no curso técnico modular de Nutrição e Dietética e no curso técnico de Edificações mais recentes, ambas no ano de 2017.

3.4.1 A Experiência do ensino de estrutura linguística de definição a partir de Garcia (2010) no curso de Nutrição

As experiências das etapas a seguir partem da visão de Garcia (2010). Essa primeira experiência com a turma do 1º módulo recém-ingressada do curso técnico de Nutrição aconteceu de forma interdisciplinar em duas etapas no mês de março de 2017. Sobre essa turma, 90% dela é composta por mulheres. Apenas 7 alunas do total de 36 alunas estão afastadas há mais de 8 anos do Ensino Médio. De maneira geral, a turma não apresentou muitas dificuldades de interpretação e escrita em atividades de avaliação diagnóstica nas duas primeiras aulas do semestre.

A 1º etapa foi a explicação do conceito de *Tópico Frasal* em bloco de aula expositiva com 90 minutos para os exercícios de fixação e explicar as formas de possibilidade de inícios de tópicos como *Declaração Inicial, Pergunta, Divisão, Alusão Histórica, Omissão de Dados*. No ensino técnico modular, o bloco de aulas possui, no total, 120 minutos a cada encontro semanal. É possível realizar essa experiência da aula teórica entre 40 a 50 minutos⁵, mas o ideal seria se fossem pelo menos 2 aulas de 50 minutos em sequência para a realização de exercícios de fixação individualmente no mesmo dia. A experiência, por ter sido aplicada ao longo dos anos, me possibilita falar de todos as formas de início em 30 a 50 minutos e o restante da aula é destinado para a correção dos exercícios propostos para serem entregues, se possível, no mesmo dia.

Como são estilos relativamente fáceis de entender, além do rico repertório de exemplos do livro de Garcia (2010), os alunos dificilmente apresentam dificuldade, como foi o caso dessa turma de Nutrição e Dietética. Para exemplificar melhor a experiência da primeira aula, segue uma parte do conteúdo ministrado para a turma de Nutrição e Dietética. Exemplo de *Declaração Inicial* para um curso de Técnico em Segurança do Trabalho: “O uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) é essencial para a saúde do

⁵ Próximo às salas de aula, nos corredores sempre há um relógio. Eu, particularmente, tenho o hábito de olhar o tempo para um melhor manejo das aulas. Essa experiência já foi realizada muitas vezes, pelo menos de 6 a 8 vezes por ano, nos últimos 7 anos, com turmas diferentes de Nutrição, Serviços Jurídicos, Edificações, Design de Interiores, Modelagem do Vestuário, Administração, Comunicação Visual por exemplo. O tempo é uma média das experiências e as duas narrativas ficaram dentro da “média sugerida de tempo” para a realização de cada etapa.

trabalhador”. Todas as frases elaboradas para o exercício são contextualizadas com a área de formação do aluno. Na folha de exercícios estava o seguinte enunciado: “Identifique os Tópicos Frasais nas frases abaixo e, na sequência, crie um Tópico de *Declaração Inicial, Pergunta, Divisão, Alusão Histórica, Omissão de Dados* com exemplos de sua área de formação.

Para deixar a aula mais atrativa, nas frases de identificação do *Tópico Frasal* da área de atuação/formação de seus alunos, sugiro que o professor contextualize os exemplos e evite o uso de frases fora do contexto da formação profissional do aluno. A primeira parte do enunciado para a turma de Nutrição e Dietética possuía os seguintes exemplos para a identificação: “a) O uso de equipamentos de proteção individual (EPI) é essencial para a saúde do trabalhador”; b) “Os tipos de EPI’s utilizados podem variar dependendo do tipo de atividade ou de riscos que poderão ameaçar a segurança e a saúde do trabalhador e da parte do corpo que se pretende proteger, tais como: proteção auditiva, respiratória, visual, da cabeça, mãos, pernas, pés e quedas”.

A ideia central aqui é mostrar, de forma contextualizada, como ter o domínio desses tópicos são importantes para o desenvolvimento da expressão escrita do profissional, além de acrescentar, na formação dos alunos, mais conhecimentos da área ou reforçar, por meio da leitura e análise, informações importantes e relevantes para a atuação profissional.

A 2º etapa é a aula sobre *Definições*. No total, sem a produção dos 4 últimos termos que serão apresentados ao final, a aula exige em média 60 a 65 minutos e foi possível nessa experiência dessa aula explicar a teoria e realizar exercícios de definição de forma oral de acordo com o quadro 2 inspirado no trabalho de Garcia (2010). Primeiramente, projetei para essa turma de Nutrição e Dietética em slides trechos das definições de Garcia (2010). Caso não fosse possível, entregaria cópias ou simplesmente escreveria na lousa (pode demorar de 5 a 10 minutos da aula). Na sequência, dialoguei com a turma e fiz a confirmação do entendimento da estrutura da Definição com os exemplos do livro de Garcia (2010). Por isso, foi apresentado o quadro 2 exatamente como ele está disposto aqui (pode demorar de 5 a 10 minutos). Após verificar se havia dúvidas, questionamentos, no próximo slide deixei somente a primeira coluna do quadro 2 e sugeri algumas palavras da área de formação dos alunos que foram, previamente, selecionadas por uma professora da área de Nutrição da disciplina de Diagnóstico da Alimentação Humana

(daqui por diante DAH). A professora de DAH selecionou 5 termos técnicos que, primeiramente seriam desenvolvidos em minhas aulas e, posteriormente, eu, professor da disciplina de língua materna e a professora da disciplina técnica corrigiríamos juntos. Nesse momento de interdisciplinaridade, quem leciona língua portuguesa tem uma experiência de ampliação de vocabulário para melhor contextualizar suas aulas.

Escolheu-se o termo “Sarcopenia”, dos cinco termos elencados pela professora, para a realização de exercício fixação, além de palavras como *triângulo* e *baleia* para a fixação da estrutura. As três definições foram feitas em sala, com a participação de toda a sala. Professor de português e alunos. O *Powerpoint* estava aberto a cada contribuição, correção, alteração proposta pelos alunos. Poderiam ser utilizados outros *softwares* equivalentes que permitem a edição para as versões do termo escolhido. Nos cursos modulares, assim como é o caso do curso de Nutrição e Dietética, é muito comum ter alunos que já trabalham na área e, por isso, são incentivados a participar e colaborar com os colegas de classe.

Essa etapa, dependendo da experiência e da dinâmica da turma e do professor, pode levar de 7 a 15 minutos para cada palavra técnica. A definição abaixo foi elaborada pela turma de 2017 do primeiro módulo Nutrição e Dietética de uma escola técnica no Estado de São Paulo na aula de língua materna e esse termo técnico faz parte da formação desses alunos que a veem e lidam nas aulas de DAH e Saúde Pública voltadas para os idosos.

Frase	
Sujeito	Sarcopenia
Verbo de ligação	é
Predicativo	a perda de massa e de força muscular
Adjuntos	Que aparece a partir do envelhecimento humano.




Figura 2 - Quadro da estrutura de definição de Sarcopenia baseado em Garcia.

Fonte: autor.

Essa construção foi gerada pela contribuição de 13 pessoas que se manifestaram em

uma sala com 29 alunos presentes no dia. O termo *Sarcopenia* foi o primeiro a ser utilizado nesse exercício coletivo. Na sequência, foram feitas as definições de *triângulo* e *baleia*. Expliquei a importância do domínio e da prática de criar definições para a aquisição de vocabulário e aprimoramento de formação profissional. Na sequência, os alunos anotaram os quatro termos selecionados pela professora da área técnica a saber: *Dieta*, *Lipídios*, *Ortorexia* e *Transtornos Alimentares*. Havia, ainda, 32 minutos de aulas e muitos anotaram e já começaram a fazer em sala. Eles tiveram que realizar as definições, com as próprias palavras, e poderiam consultar a apostila do curso e da disciplina, além da própria professora de DAH. Boa parte da turma terminou a atividade na aula de língua materna e todos entregaram para a professora da área técnica que prontamente às recolheu para a nossa correção em momento posterior. A ideia de a turma entregar primeiramente para a professora da área técnica foi uma observação dada pela professora considerando que, por estarem no início do curso, a turma ainda apresentava dificuldades com a formalidade do texto e ela preferiria, antes da entrega definitiva, dar oportunidade para a turma esclarecer dúvidas sobre os termos, por isso, também por exigência dela, os 4 termos restantes foram feitos como exercício individual.

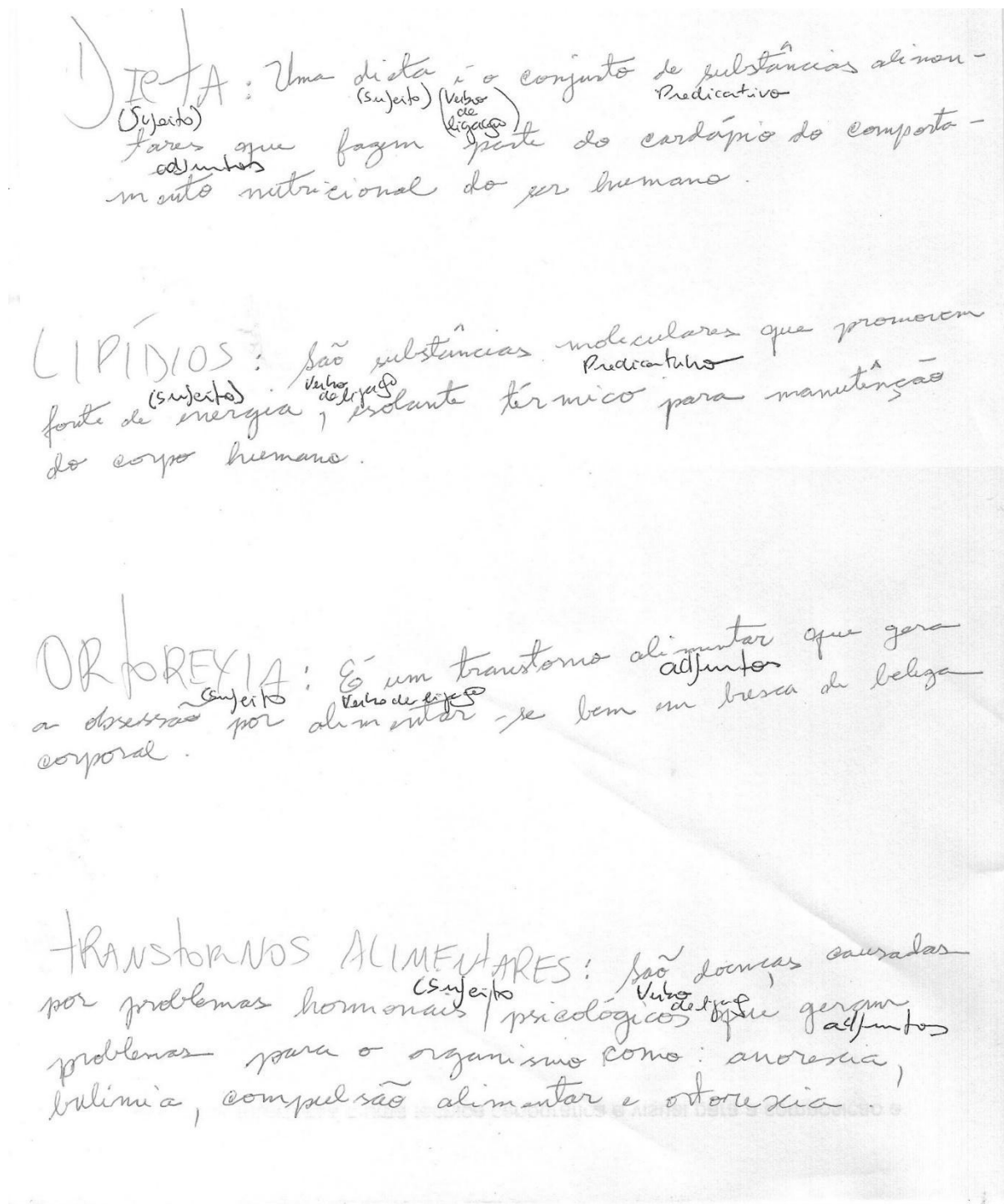


Figura 3 – Atividade de definições - Exercício.
Fonte: aluna da turma de Nutrição.

Dessa forma, encerro a explicação da experiência interdisciplinar a partir da teoria de Garcia (2010) sobre as definições e suas etapas para a realização.

3.4.2 A Experiência do ensino de estrutura linguística de definição a partir de Ilari (2006) no curso de Edificações

As experiências das etapas a seguir partem da visão de Ilari (2006) e aconteceu com a turma do 1º módulo recém-ingressada do Técnico em Edificações também de forma interdisciplinar em duas etapas no mês de março de 2017. Na **1º etapa** foi a explicação do conceito de *Tópico Frasal*, assim como realizado com o técnico modular de Nutrição em um bloco de aula expositiva com 120 minutos para explicar as formas de possibilidade de inícios de tópicos como *Declaração Inicial, Pergunta, Divisão, Alusão Histórica, Omissão de Dados*. No ensino técnico modular em Edificação, a turma em que foi aplicada a experiência é noturna, assim como a turma de Nutrição e Dietética, porém, 40% dos estudantes estão a mais de 8 anos afastados do Ensino Médio.

Muitos são pedreiros, mestre de obras ou trabalham na construção civil, mas não possuem o CREA-SP. Para que possam progredir e alcançar melhores cargos e ter a própria prestadora de serviços, muitos recorrem a cursos reconhecidos para a obtenção do documento de classe. Muitos desses alunos apresentam grande dificuldade com a escrita. Era esperado por mim certa dificuldade com escrita, por isso os exercícios de fixação foram feitos todos em grupo, diferentemente da experiência com a turma de Nutrição e Dietética, em que esses mesmos exercícios foram feitos individualmente após a explicação. Portanto, a aula com os exercícios de fixação para terminar a primeira etapa tomou todo o bloco de aulas que no total possui 120 minutos e 2 grupos de 4 pessoas, em um universo de 38 alunos, tiveram muita dificuldade, necessitando bastante atenção de minha parte como professor de língua materna.

Os *Tópicos Frasais* como *Declaração Inicial, Pergunta, Divisão, Alusão Histórica, Omissão de Dados* foram explicados de forma similar a Garcia (2010), porém com mais exemplos nos slides antes dos exercícios de fixação devido à dificuldade apresentada pelos alunos e esperada por mim. Os exemplos adicionados foram extraídos do livro de Abreu (2008) e da Squarisi e Curto (2012), além de alguns retirados de textos que falam sobre a construção civil. O exercício de fixação foi elaborado da mesma forma de como foi pensado para a turma do curso modular de Nutrição e Dietética. A ideia central aqui foi demonstrar

também para essa turma a importância da escolha dos exemplos contextualizados de como é importante ter o domínio técnico do vocabulário. O desenvolvimento da expressão escrita e oral do profissional é fundamental, por isso a atividade foi bem recebida pelos alunos.

A 2º etapa é a aula sobre *Definições*. Essa etapa primeiramente é disciplinar e depois torna-se interdisciplinar. Com bloco de 120 minutos por semana, devido à dificuldade da turma, a primeira parte foi desenvolvida da seguinte maneira. Aula expositiva, apresentada com auxílio do *Powerpoint*, que durou entre 10 a 15 minutos para explicar a estrutura de definição. O primeiro slide da apresentação era o nome do professor com o nome da aula do dia. O segundo slide era o conceito de definição trazido por Ilari (2006). No terceiro slide, assim como na turma de Nutrição e Dietética, o *Powerpoint* possuía a estrutura orientada por Ilari (2006) em aberto para permitir contribuições, correções, alterações propostas pelos alunos para a definição do termo escolhido.

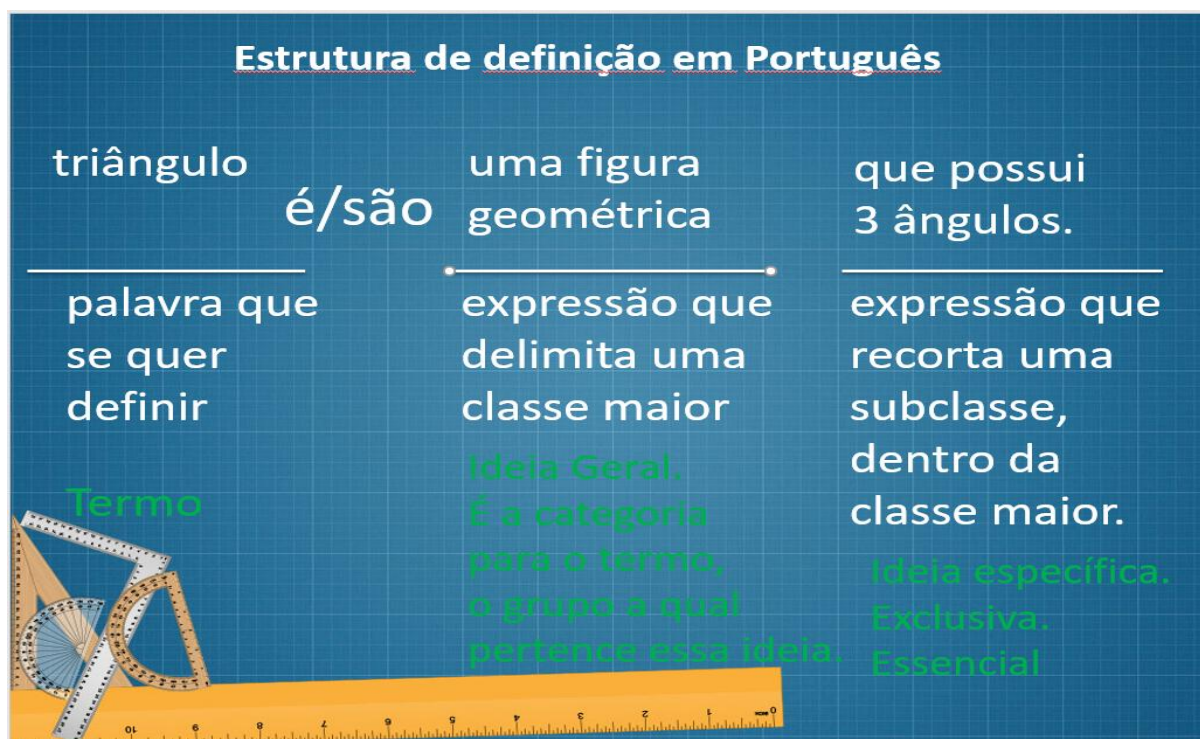


Figura 4 - Quadro da estrutura de triângulo baseado em Ilari (2006).

Fonte: autor.

A experiência com o perfil dessa turma e de outras turmas do modular de Edificações é determinante para escolher os termos do exemplo trazido por Ilari (2006), a saber: monarquia e triângulo. Justamente por isso, além da nomenclatura trazida por Ilari (2006), apresentou-se uma nomenclatura na cor verde, criada por mim, para explicar a

ideia de classe maior e classe menor. Por exemplo, foi mais fácil aos alunos entender que *classe menor é ideia específica, a essência*, pois “três lados” para o triângulo como figura geométrica é uma classe menor, um *adjunto* diria Garcia (2010), que traz a essência dessa figura geométrica. Ao usar a palavra *categoria, ideia geral*, consegui explicar da melhor forma ao questionar se o quadrado, círculo, trapézio, retângulo são figuras geométricas e forma geométricas, ou seja, pertencem à mesma categoria, ao mesmo grupo, a mesma ideia geral. Ao final, após a comparação com outras figuras geométricas, percebi nessa turma que realmente boa parte dos alunos entenderam a explicação, o que se comprovou posteriormente quando entregaram o exercício.

A turma, de modo geral, teve um desempenho melhor para explicar triângulo que monarquia. Porém, com a contribuição de 8 alunos, as definições foram criadas, muito semelhantes a oferecida pelo autor. Em triângulo por exemplo, saíram versões como: “triângulo é uma figura geométrica com 3 lados”, “triângulo é uma forma geométrica com 3 ângulos”, “Triângulo é um polígono trilátero”. O exemplo, proposto no livro pelo autor, “Triângulo é um polígono de três lados” foi indiretamente mencionado. Apesar de ter disponibilizado o conteúdo uma semana antes, de forma impressa entregue ao representante de classe e por arquivo enviado ao e-mail dessa sala, os alunos, em sua maioria, não leram. As duas definições e algumas versões de como definir triângulo e monarquia foram apresentadas para toda a sala.

A partir dessas explicações começa a fase interdisciplinar. Com essa turma, do início da aula até o término das definições sobre *monarquia e triângulo* foram usados quase 50 minutos da aula (bloco de 120 minutos corridos). Ainda nessa etapa, em outras experiências, dependendo da experiência e da dinâmica da turma com o perfil de Edificações, podem levar de 7 a 15 minutos versões de definição de cada termo, em média, os dois termos, de 15 a 30 minutos, a depender da turma.

Com a possibilidade de elaboração de exercícios interdisciplinares com os professores da disciplina de Tecnologia dos Materiais da Construção Civil (Daqui por diante TMCC)⁶, os professores responsáveis por essa disciplina anotaram as palavras técnicas a

⁶ Algumas disciplinas dos cursos técnicos dessa instituição de ensino possuem aulas divididas por causa das aulas práticas em laboratórios como é o caso de TMCC. Um exemplo muito comum é com a disciplina de Informática Aplicada à Edificações, em que no começo do ano, com 40 alunos na turma, cada professor leciona para uma metade: um professor leciona para os alunos de 1 a 20; o outro, de 21 a 40. Quando não vão ao laboratório, os professores, ao mesmo tempo “dividem” a mesma sala de aula com os 40 alunos quando

serem aprendidas ou que já foram aprendidas na disciplina. Quatro termos foram selecionados para eu, professor de língua portuguesa, usar em minhas aulas. As definições dos quatro termos, *Canteiro de Obras*, *Fundações*, *Lençol Freático* e *Sondagem* foram feitas durante os 60 minutos restantes da aula de forma individual, uma vez que para esses professores da área técnica é fundamental que cada aluno saiba falar, escrever, exemplificar e explicar com suas palavras os termos escolhidos.

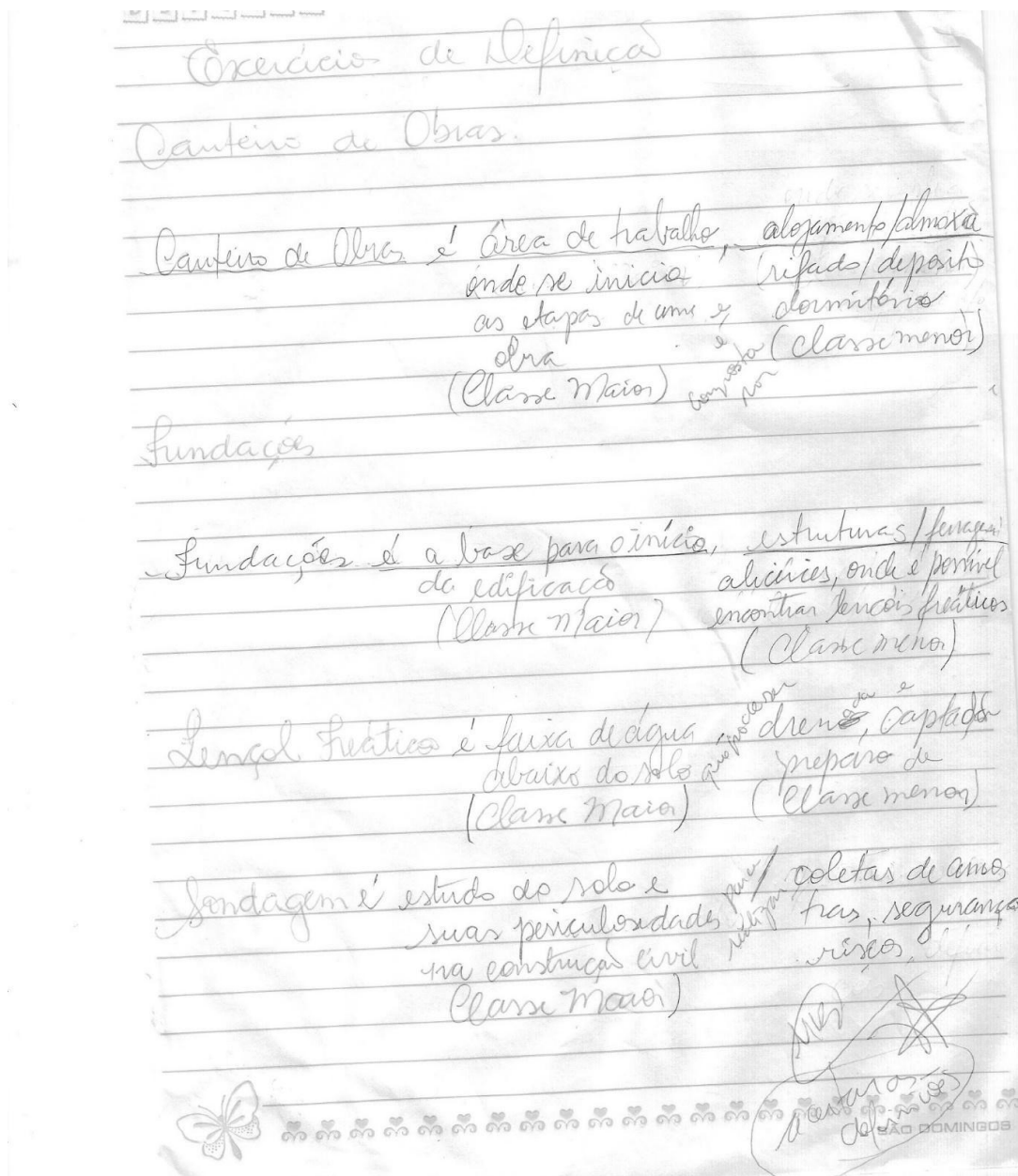


Figura 5 – Atividade de definições.
Fonte: Aluna da turma de Edificações.

uma parte do conteúdo da disciplina for teoria. A divisão permanece até o número total de aluno ser superior ou igual a 30 por turma.

A atividade acima foi elaborada por uma aluna da turma de 2017 do primeiro módulo de Edificações no início do mês de março. Não só essa aluna, mas boa parte da sala fez as definições dos quatro termos seguindo bem de perto as orientações passadas na aula inspiradas na obra de Ilari (2006).

A ideia para esta turma de Edificações, a pedido dos professores da área técnica, foi entregar primeiramente para mim. Após breve correção e análise das definições, nós três avaliamos em conjunto durante os intervalos das aulas para o conceito final. Com a prática de como definir palavras, os professores da disciplina técnica de TMCC usaram a nota dessa atividade para a disciplina deles e a atividade, em si, para eles, também serviu como uma espécie de “avaliação diagnóstica” para uma elaboração posterior de uma lista de exercícios de fixação para vocabulário técnico sobre tecnologia dos materiais da qual pude participar (Figura 6).

Após o término da lista de exercícios, os professores da área técnica a aplicaram em uma das aulas de TMCC, na semana seguinte da minha aula de Definição, a lista de exercício de fixação de conceitos importantes para a disciplina de TMCC. Eles recolheram no final da aula e, no dia seguinte, novamente, nós avaliamos durante o intervalo das aulas. Os alunos receberam dos professores da área técnica a lista corrigida ainda na mesma semana para que estudassem para a primeira prova no começo do mês de abril de 2017.

De forma geral, essa turma de Edificações, apesar da dificuldade de muitos na sala, conseguiu elaborar boas definições e, de certa forma, surpreendeu os professores da área técnica que não esperavam que tantos alunos entregassem a atividade. Durante a correção, pela experiência, os professores desconfiavam de quem havia copiado algo literalmente em vez de usar suas próprias palavras. Só foi encontrada uma lista de atividade com plágio, o que era proibido. O aluno a recebeu com a notificação e teve uma segunda chance de refazer, desde que não copiasse literalmente de alguma fonte.

Para os professores de TMCC, por exemplo, é extremamente importante que os alunos dominem os conceitos básicos da lista de exercícios para que possam acompanhar a sequência da disciplina no próximo semestre e, até mesmo, sentir segurança para participar das entrevistas nos estágios na área oferecidos no mural da escola para a área em que estudam.

Diante do exposto nesta experiência, espera-se que tanto a realizada com a teoria

de Garcia (2010) e a realizada a partir da teoria de Ilari (2006) sobre como produzir definições despertem em professores da área técnica e de língua materna aplicada o interesse em desenvolver definições a partir da realidade do contexto tecnológico em que atua.

TMCC I – Tecnologia dos Materiais de Construção Civil I – Exercício I

Fundação de concreto de Obra?

A. Definir os seguintes termos técnicos:
Recalque; lençol freático; perfil do terreno; sondagem; sedimentação, decantação; coesão; análise granulométrica; solos e umidade.

B. Complete com a propriedade correspondente a definição dada:
Banco de palavras: Desgaste, Durabilidade, Dureza, Dutilidade, Elasticidade, Impermeabilidade, Inércia, Plasticidade, Porosidade, e Tenacidade.

1. (POROSIDADE) Propriedade que tem a matéria de não ser contínua, havendo espaço entre as massas.
2. (DUREZA) Resistência que os corpos opõem ao serem riscados.
3. (TENACIDADE) Resistência que os corpos opõem ao choque ou percussão.
4. (PLASTICIDADE) Capacidade que os corpos apresentam de se adelgarem até formarem lâminas sem, no entanto, se romperem.
5. (DUCTIBILIDADE) Capacidade que os corpos apresentam de se reduzirem a fios sem se romperem.
6. (DURABILIDADE) Capacidade que os corpos apresentam de permanecerem inalterados com o tempo.

7. (DESGASTE) Perda de qualidades ou de dimensões com o uso contínuo.
8. (ELASTICIDADE) Tendência que os corpos apresentam ao retornar à forma primitiva após a aplicação de um esforço.

C. Complete com o desenho que corresponde ao esforço mecânico:
(D) cisalhamento; (C) flexão; (B) tração; (E) torção; (A) compressão.

Figura 6 – Gabarito dos exercícios interdisciplinares elaborados pelos professores da disciplina técnica da turma de Edificações com auxílio do professor de língua portuguesa.

Fonte: Professores de TMCC.

4 Considerações finais

Com a descrição das etapas metodologia apresentadas nas duas experiências de forma interdisciplinar, pode-se afirmar que que é possível promover o ensino da estrutura linguística de definições de termos técnicos na formação profissional. É importante revisar os principais pontos gramaticais em aula e durante as correções dos exercícios. As aulas de língua portuguesa dentro do contexto tecnológico, além da revisão da produção textual,

devem promover aulas mais interativas e atraentes aos alunos: de trabalhos com palavras da formação profissional do aluno a produção de gêneros textuais que circulam na área profissional em que esse estudante atuará.

Segundo Antunes (2009), o fenômeno linguístico da textualidade em sala de aula não pode se resumir a meramente a texto escrito, mas a formas de atuação social em que há interação dialógica. Concordo, portanto, com a autora quando ela defende que primeiramente deve haver o entendimento da prática social antes da prática discursiva, uma vez que os textos reais acontecem e são resultados e produzidos como consequência das práticas sociais regem a interação social.

Nas duas experiências narradas houve a percepção por parte dos professores de um interesse maior na produção da atividade. No entanto, tanto a professora da disciplina de Nutrição e Dietética quanto os professores de TMCC do curso de Edificações relataram que, se não fosse para ter nota, alguns alunos provavelmente não fariam a atividade, uma vez que antes das aulas não percebiam a necessidade de saber *definições*. Após as aulas, casos de alunos, alguns com dificuldade de escrever, procuraram os professores da área técnica de Edificações e de Nutrição e Dietética com definições de outros termos técnicos que, como eles disseram, “fizeram por conta”.

Nas correções das definições, as observações e as intervenções feitas pelos professores da área técnica e por mim foram tanto de aspectos gramaticais quanto ligadas ao conteúdo em si. Por ser o professor de “língua”, houve uma tendência de corrigir em uma segunda leitura os erros gramaticais que uma vez ou outra passava despercebido pelos docentes da área técnica e até por mim ao passo que, pela própria formação profissional desses professores, a rigidez da correção do conteúdo da definição evitou alguma falha conceitual no construção da definição por parte dos alunos, o que, por algumas vezes, aconteceu e pode acontecer quando você é professor de língua portuguesa e não possui uma formação profissional para dominar teorias, conceitos e vocabulário das diversas áreas profissionais em que a língua portuguesa tem uma aplicabilidade para a formação profissional.

Acredito que qualquer mudança na formação profissional acontece em pequenas mudanças. As experiências revelam que elas aconteceram para maioria dos alunos e também para nós professores. Muitos alunos acharam interessante criar definições, pois

como foi dito por um deles em aula “nós damos exemplos quando explicamos e temos dificuldade em saber falar o que é, mesmo sabendo que sabemos”. Outros alunos ainda nos relataram que os demais professores das disciplinas técnicas deveriam passar as definições das palavras-chave da área, pois, como uma das alunas relatou, “quando uma professora, professor fala um termo técnico uma palavra que a gente não conhece, às vezes não entendemos a aula”.

Portanto, seriam necessárias mais experiências com as mesmas turmas para confirmar a percepção dos professores envolvidos de que os alunos conseguiram realmente aprimorar o vocabulário com aulas sobre definições, o que pode ser possível para os professores de DAH e TMCC uma vez que lecionam em outras disciplinas e acompanham os alunos até o terceiro e último módulo. A professora de DHA sugeriu uma avaliação em forma de *quiz* a cada final de semestre para que os alunos definam alguns conceitos e termos técnicos aprendidos, ou seja, a cada seis meses trabalhar com eles definições de palavras-chave da formação profissional correspondente com algum tipo de avaliação e, por que não, uma autoavaliação como ela mesma sugeriu.

Se essa narrativa puder inspirar o trabalho com definições e/ou o conhecimento de como os autores citados trabalham com esse propósito, tenho certeza que terá valido a pena compartilhá-la. O ato de ensinar exige reflexão constante e as narrativas de ensino nos ajudam a refletir sobre a nossa prática. É fundamental ter um papel ativo e estar aberto a mudanças para não exercer, nos dizeres de Alarcão (2005), um papel tecnicista de reprodução. No contexto tecnológico, as duas experiências mostram que o professor precisa estar aberto a entender que pode aprender com o aluno e trazê-lo, ao seu lado, para compartilhar seus conhecimentos e saberes sobre as experiências profissionais.

Referências

ABREU, Antônio Suarez. *Curso de Redação*. 12 ed., São Paulo: Ática, 2008, 168p.

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 4.ed. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época; 103), 2005

ANDRADE, Maria Margarida de MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANTUNES, Irlandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de setembro de 2012a. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 set. 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17417&Itemid=866>. Acesso em: 25 março. 2017.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003

GARCIA, Othon. Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2010.

ILARI, Rodolfo. *Definições*. In: *Introdução ao estudo do léxico - brincando com as palavras*. São Paulo: contexto, 2006. p-55-59.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

SQUARISI, Dad; CURTO, Célia. *Redação para concursos e vestibulares: passo a passo*. SP: Contexto, 2011.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Data de submissão: 26/03/2017. Data de aprovação: 01/06/2017